

## Declaração de Intenções

Até chegar quase ao final, eu não sabia sobre que era este pequeno livro de ensaios.

Havia alguns temas sobre os quais me apetecia escrever, e já o vinha fazendo ao longo dos últimos anos, sempre sem objectivo definido: a música, a sua estreita relação com a literatura (no meu caso), a espiritualidade de outros tempos e a dos nossos dias — e a sua relação com a música e a literatura, com o Belo e o Sublime. Mas não possuía ainda uma agulha com a qual entretecer todos estes fios dispersos.

Essa agulha revelou-se mais tarde, não apenas no livro, mas na própria vida; *durante* o processo de escrita e revisão. Foi uma revelação incrivelmente dolorosa e, ao mesmo tempo, milagrosamente adequada ao que eu precisava de dizer, e até de expurgar.

Descobri, já quase no final, que este livro era sobre a Morte. A Velha Senhora em torno da qual todos acabamos por cirandar, de quem amiúde nos escondemos, o destino comum de toda a Humanidade e a fonte inesgotável do medo que rege a vida dos seres humanos. A morte da minha avó, em Dezembro de 2022, foi essa agulha, e todos os fios soltos encontraram por fim um eixo em torno do qual se puseram a dançar uma bonita valsa.

Mas seria injusto não incluir aqui os leitores. É «à custa» deles — e dos inúmeros encontros com eles ao longo de dezoito anos de viagens constantes pelo país — que acabo por reflectir nestes temas. Não existe lugar de maior desconforto e consolo

que a intimidade, creio; em cada sessão, com públicos de todas as idades, em diferentes pontos do país e sempre refém do imprevisto, tenho tido o privilégio de ser ouvido e de ouvir, de responder e perguntar, e assim conhecer — ainda que brevemente — os humanos que habitam Portugal e que gostam de livros; através destas partilhas, fui crescendo enquanto escritor, mas, sobretudo, enquanto pessoa. Ganhei consciência de que um livro não é apenas um livro, e de que aquilo que pomos nele, através da transformação da nossa experiência, é semelhante ao processo alquímico da transmutação, em que os metais inferiores se tornam ouro. Ou seja: sem alguém que nos ouça, de forma desinteressada e compassiva, e sem ouvirmos os outros dessa mesma maneira — sem a intimidade, portanto —, abrindo-nos à vulnerabilidade que sempre existe nos momentos de partilha, o metal enferruja dentro de nós. E ninguém quer viver com peças toscas, envelhecidas e enferrujadas dentro de si; mais cedo ou mais tarde, essas peças acabarão por contaminar as outras. Esta proximidade de um encontro, mesmo que seja dentro destas páginas, é o que me permite identificá-las e trazê-las à luz, cuidando dessas partes esquecidas.

Começaremos pela música, e, pouco a pouco, chegaremos ao tema central deste pequeno livro — a Morte! —, passando pela espiritualidade (que parece ser o tópico mais em voga nas últimas décadas), a religião, as obsessões, a depressão, a loucura e até o futebol e as viagens. Algumas coisas que aqui encontrará são fáceis de digerir, outras, menos; o que relato é apenas a minha experiência do mundo, a forma como o vejo, o sinto e o penso, e não pretende ser *verdade* nem servir a toda a gente. Sentirá também, provavelmente, que o caminho é pedregoso; não há um trajecto em linha recta para o lugar onde pretendi chegar

(e que não sabia qual era) e, portanto, as curvas e contracurvas fazem parte do processo.

Posso adiantar isto. Na segunda metade dos meus trintas, a minha vida parecia ter tomado um rumo algo tenebroso. Não foi um processo súbito; foi lento e gradual, como um riacho que aos poucos se transforma num oceano. Infundido de um medo extraordinário, e sem nunca ter pensado convenientemente nos temas que abordo neste pequeno livro, tornara-me um ser humano à beira do colapso nervoso. As consequências — físicas, mentais, espirituais — estavam à vista: tinha conflitos com um sem-fim de pessoas, os meus livros vendiam cada vez menos, o meu talento era repetir-me — pessoal e literariamente falando, claro (a repetição teimosa dos mesmos erros em busca de resultados diferentes: é tão bom saber que Einstein também sentiu isto, embora ninguém saiba se ele, de facto, o disse!...). Como, nesses tempos, eu não era uma pessoa propriamente atenta ao Reino dos Céus (ainda não sou, e permaneço um ingrato perante a divindade que certamente cá nos pôs para usufruirmos deste planeta maravilhoso onde tudo se move a uma velocidade demasiado lenta para a minha urgência<sup>1</sup>), tive de ser levado aos gritos, a esbracejar, em lágrimas, para o Calvário.

O meu mundo, cuidadosamente burilado em papelão, acabou por desmontar-se, por razões que agora não importam, e esse oceano de incompreensão fez finalmente ruir as paredes do frágil dique que me mantinha protegido. Por fim, compreendi, e acabei por aceitar, com a passagem do tempo, que o problema não estava lá fora, estava cá dentro.

Este pequeno livro é também a resposta a essa constatação. Espero que, se for o caso, o possa ajudar, nem que seja por

---

<sup>1</sup> Posso estar a citar Vergílio Ferreira, mas não tenho a certeza.

breves momentos, a encontrar novos matizes naquilo que até agora vemos sempre da mesma maneira — ou, então, que pelo menos consiga identificar-se com o desespero e a comédia que o atravessam, e nos atravessam, pelo simples facto de ainda estarmos vivos.

NOTA: Quase todos os capítulos do livro dialogam entre si, por vezes de forma aleatória. É propositado. Há ainda várias referências ao *Manual de Sobrevivência de um Escritor*, abreviado para **MDS**. Convido-o a lê-lo como lhe aprouver: de uma assentada, ou saltitando entre textos.

## «Parabéns a Você»

Sempre que, nos últimos anos de vida, a nossa avó Eduarda regressava a casa, vindo do lar, era por ocasião do aniversário de um dos muitos netos ou bisnetos. Já bastante apartada da consciência, soprava as velas dos bolos, porventura julgando que os *Parabéns a Você* eram para ela. Numa dessas ocasiões, soprou as velas duas vezes, e talvez se tenha convencido de que, em vez de cem, fazia cento e um anos nesse dia — e nem sequer era o seu aniversário.

Numa dessas tardes de festa, dei por mim a reparar nela e na sua reacção ao *Parabéns a Você* — uma canção curiosa, que uma criança de quatro anos aprende facilmente, e uma idosa de cem não esquece. A avó Eduarda não se lembrava do dia de ontem, nem do mês ou do ano anterior, porém, sempre que cantávamos os parabéns, ela parecia despertar da semi-inconsciência e recordar as notas, uma por uma, como se aquela melodia fosse maior do que a vertiginosa inclinação da velhice para o esquecimento.

A educação musical e literária podem andar de mãos dadas. Aos quinze anos, por insistência minha, ingressei no Hot Clube de Portugal, a única escola de *jazz* de Lisboa em 1990. Frequentei pouquíssimas aulas, aborreci-me com a História do *Jazz*, participei num ou outro *combo* nas tardes de quinta-feira na cave do Hot Clube; passei um pouco ao lado de tudo aquilo, rapidamente desencantado com o meu próprio encantamento.

Muitos desses impulsos, foram, para mim, ilusões, fantasias geradas por uma mente escapista, desejos cuja realidade tinha

sempre o condão de me decepcionar. Quis estudar Contrabaixo, mas o que podia ter era um baixo eléctrico, um Squier preto e branco com um som terrível, no qual fui aprendendo, lentamente, notas e escalas. O meu professor de Baixo deve ter percebido, ao fim de poucas aulas, que eu estava tão interessado em aprender teoria musical como em saltar da ponte 25 de Abril, e ele próprio desistiu de mim. As nossas aulas eram vagarosas, aborrecidas e melancólicas, como a enfermeira que ensina um velho muito velho a comer, sabendo que ele não durará.

Cedo desisti do Hot Clube, para grande indignação da família, que andava a pagar os meus luxos. Percebi, também, que não gostava assim tanto de *jazz*, ou, pelo menos, da música que os professores daquela escola consideravam apropriada. Eu tinha uns quantos ídolos dentro do classicismo — Bill Evans, Thelonious Monk, Charles Mingus —, mas os meus favoritos, segundo os professores do Hot, nem sequer pertenciam ao clube privado dos eleitos: «O que o Pat Metheny toca não é *jazz*», diziam-me. E eu regressava a casa e ouvia Metheny e Pastorius (esse belíssimo álbum que é *Bright Size Life!*), e Bill Frisell, e Jan Garbarek, e Dave Holland, e Charlie Haden, e Gary Burton, e tudo o que não era *jazz* e que a editora ECM — alemã, anticlássica e altamente vanguardista (tanto, que os discos eram gravados num dia, alguns totalmente improvisados no estúdio onde Jan Erik Kongshaug fazia a produção de som) — editava nessa altura. Era suposto, evidentemente, estar a decorar os compassos de Count Basie ou Charlie Parker. Mas de Parker eu gostava apenas da história de decadência, e Basie dava-me sono. O *jazz* não era para mim, excepto se fosse menos *jazz* e mais outra coisa qualquer.

Em retrospectiva, consigo perceber que os meus gostos eram ecléticos, com tendência para o melodramático. Para alguém que desejava ser um purista, é tramado admitir que preferimos

o *Shawshank Redemption* ao *Decameron*, que nos entusiasma mais o *Paris, Texas* do que o *Paris s'éveille*. Que vibramos mais com Tom Waits do que com John Cage. Aos dezasseis anos, disseram-me que tinha absolutamente de ver o *Solaris*, de Tarkovsky. Aluguei a cassete de vídeo e vi cerca de trinta minutos, antes de a trocar pelo *Star Wars — O Império Contra-Ataca*, a que assisti pela centésima vez.

Na literatura, aconteceu-me o mesmo. Como já escrevi no **MDS**, os meus heróis não eram necessariamente os «grandes escritores», mas aqueles que me permitiam escapar ou os que me entretinham. Muitas vezes, em aulas, digo aos meus alunos que, se querem escrever, olhem primeiro para aquilo que têm nas prateleiras. Se, em cem livros, oitenta são policiais — ou ficção científica, ou romances históricos —, é um bom indicador de preferências. Esse é o seu domínio, e é nele que devem exercer a sua Força, como *jedis* bem treinados. A educação musical que tive, embora curta, serviu para me mostrar que podemos aprender com aquilo de que não gostamos, mas que faremos sempre parte da família pela qual sentimos natural afecto.

Um dos temas mais ensinados às crianças pelos professores de Música é o *Parabéns a Você*. Há alguma coisa muito especial nesta canção, ou não seria cantada milhões de vezes por dia, provavelmente em grande parte dos países do mundo. A melodia vem da canção *Good Morning to All*, composta pelas irmãs Patty e Mildred J. Hill (embora, enfim, possa não ser verdade que as irmãs *realmente* a compuseram), e, assente num compasso ternário, tem pouquíssima variação harmónica e melódica. Uma criança de quatro anos aprende-a, e um centenário não a esquece. Como já contei, a minha avó materna, na altura de cantar os *Parabéns a Você* nos aniversários da família, soprava

as velas que não eram dela e trauteava a melodia, de tal maneira a progressão melódica que possui é contagiosa para o cérebro.

Agora, experimente ir para casa escrever uma canção que tenha este efeito. Impossível, certo? Por mais rigorosa ou demorada que seja a instrução musical, há certas coisas que não se aprendem e que pertencem mais propriamente ao domínio da magia.

Embora seja verdade que o *Parabéns a Você* é um tema simples, construído numa tonalidade maior que é confortável para toda a gente, não é verdade que seja fácil de fazer. Do ponto de vista harmónico e melódico — mas também do ponto de vista narrativo, quando se escreve —, o mais fácil é complicar, fugir ao assunto, andar à deriva, perdermo-nos como o pensamento tantas vezes se perde, sem nunca regressarmos ao lugar de origem ou ao tema que foi proposto. Muitas vezes, se não nos chamam a atenção ou nos puxam para baixo, já estamos a levitar no espaço sideral quando a conversa era sobre alguma coisa bastante concreta no planeta Terra. O mais difícil é manter a simplicidade de uma narrativa e, ao mesmo tempo, torná-la inesquecível.

Uma vez, um professor do Hot Clube disse-me que um contrabaixista tem de conhecer a melodia. Durante um ano inteiro, pratiquei o *Straight, No Chaser*, de Thelonious Monk — nas várias tonalidades da escala. Aquilo irritava-me, e só muitos anos depois percebi a intenção do professor: para explorar o território que uma ideia sugere, convém que essa ideia (ou esse tema, musicalmente falando) nos seja tão familiar como a respiração. Ele podia ter feito o mesmo com o *Parabéns a Você*. Se, na música e na literatura, o compositor ou o escritor tivessem a preocupação de se explicarem como essa canção se explica — ou seja, de explorar o território que o seu tema sugere, com um excelente desenvolvimento do tema, para depois regressar a ele, de tal maneira



que parece inevitável que assim seja —, muita da literatura e da música de hoje seriam, no mínimo, menos ameaçadoras para os leigos. Não estou a fazer o elogio do simplismo; estou a tentar dizer que a aprendizagem daquilo que é universal nos conduz com maior e melhor eficácia ao que é particular. Quando aprendo uma linguagem que todos entendem, torno-me mais capaz de criar uma linguagem própria.

Há também o preconceito em relação a certo tipo de linguagens. Não num sentido moral, mas no sentido da presunção de dificuldade. Estou em crer que a grande maioria das pessoas que não vai assistir a um concerto de música clássica — Brahms ou Mozart, por exemplo, para não complicar muito — não o faz por não gostar, mas porque tem medo de não entender; como eu não entendi *Solaris*, pese embora seja, de facto, um grande filme. Isto está relacionado com a apropriação cultural, pelas elites, dos exercícios artísticos mais complexos, mas também com o simplismo — aqui, sim — de tantas linguagens narrativas que hoje nos são oferecidas, um tema de que falarei mais à frente. Porque, na verdade, toda a gente consegue entender Mozart ou Brahms, até Beethoven: o princípio da *Quinta Sinfonia* (*tan-tan-tan-taaaaan!*) é mais famoso do que as canções dos Beatles. Noventa e nove por cento das pessoas não sabem que é escrita em dó menor, e que as notas são: *sol-sol-sol-miiii!*; também não precisam de saber, para dele desfrutarem, que o *Parabéns a Você* é normalmente cantado em sol maior (*ré-ré-mi-sol-fá#*).

Uma vez, ouvi Pat Metheny dar o exemplo de um caixote do lixo a cair de um lanço de escadas. Até isso, dizia ele, tem alguma informação melódica e harmónica que pode ser transcrita numa partitura. Mas não é música. Comparar esse ruído a música é o equivalente a comparar o envio de SMS ou Whatsapps

(ou escrever nas redes sociais) a literatura; e, por isso, é uma falácia que toda a gente saiba «escrever», embora (quase) toda a gente *possa* escrever. Escrever um livro; um romance, por exemplo. A educação literária tem, neste sentido, as mesmas características da educação musical. Embora esteja ao alcance de todos, desenvolve-se com tempo e leitura (audição), com estudo (interpretação), com prática (treino de instrumento, por exemplo). No decurso desta aprendizagem, que leva anos e décadas e nunca finda, vamos descobrindo o que ocorre quando, por acaso, a magia acontece e transformamos aquilo que era *ruído* em melodia, e aquilo que eram frases dispersas em orações, e orações em compassos, e compassos em páginas, e páginas em andamentos, e andamentos em livros e sinfonias.

Simplificando. Não precisei de estudar afincadamente no Hot Clube para gostar da música de que gosto (sobretudo música clássica, hoje em dia, o que se deve mais à idade e à profissão do que a outra coisa qualquer<sup>2</sup>), mas ajudou-me a compreender o que ouço. Na escrita, passados vinte anos de ter publicado o primeiro livro, sinto que esse entendimento está presente. Eu *sei* o que estou a fazer. Posso falhar, e sucede amiúde; mas tenho conhecimentos e experiência para recomeçar, uma e outra vez. Conheço sobejamente os meandros do ofício. Basta-me um tema, e sinto-me capaz de explorar, com a batuta destemida de um maestro, o território que ele sugere. E, sabendo — isto é, tendo aprendido uma linguagem universal —, abro as portas à exploração de territórios que ainda desconheço, aqueles que os temas e as ideias mais arrojados sugerem, porque todos esses territórios, por mais inóspitos que sejam, contêm informação harmónica e melódica cuja notação me é familiar.

---

<sup>2</sup> E bandas sonoras de filmes, que me parecem sempre música clássica anacrónica.

Se parece confuso, é porque *é* confuso: a interligação torna-se evidente à medida que vamos educando o ouvido e a mente, as mãos e o olhar. Começo assim, porque a música estará presente até ao final deste livro, e precisei de vos explicar como cheguei a ela, ou como ela chegou até mim, e do que me ensinou, mesmo quando lhe voltei as costas e aprendi tão pouco.

# Uma valsa com a Morte

«Não é o medo da Morte uma expressão de vida?»

Que fazer da vida, e que sentido tem ela, quando a Morte é um facto consumado para todos nós? Após o falecimento da sua avó, o escritor João Tordo encontrou o fio de luz que une as reflexões contidas neste livro: a sombria, intangível, inevitável, e por vezes até cómica, presença da Morte na vida.

Partindo da música e da literatura — e da relação destas com o Sublime —, João Tordo regressa ao ensaio com um conjunto de textos nos quais explora a relação humana com a espiritualidade e a religião, assim como o medo que nos limita, o optimismo que nos impele, a melancolia que nos afunda e a possibilidade da alegria e da comunhão.



«Essa contradição interna do ser humano — não encontrar lógica na existência, porque a Morte derrota-a, e ao mesmo tempo continuar ligado à vida — é mais propriamente aquilo a que Aristóteles chamava ‘espanto’ ou ‘assombro’. Se, no início, o Homem se maravilhava diante dos fenómenos mais simples — imaginemos o homínídeo do Paleolítico Superior, com cara de Homer Simpson, a vislumbrar um eclipse, de boca aberta e olhos esbugalhados —, mais tarde, esse espanto transforma-se em pergunta, e a pergunta em dúvida. Entramos no território do *pathos*, que nos faz questionar o que somos, a razão pela qual aqui estamos e, sobretudo, pela qual permanecemos.»



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 [companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)

  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897849206



9 789897 849206 >